

O ENSINO DE LITERATURA INFANTIL NAS ESCOLAS COM OBRAS DE ESCRITORAS REGIONAIS

Carlete Maria Thomé ¹

Silvia Helena Pinto Niederauer ²

Palavras-chave: Literatura infantil; Leitura; Aprendizagem; Obras de escritoras do oeste de Santa Catarina.

1 INTRODUÇÃO

Pretendemos, neste trabalho, estudar esse tema pela relevância de se iniciar pesquisas ainda inexistentes sobre a produção literária infantil de ANAIR WEIRICH, LADIR WIGIKOSKI e THERÊ OSMARI BAGATINI, escritoras do oeste de SC. Também pela necessidade de ampliar o conhecimento científico da literatura catarinense contemporânea, bem como o fortalecimento do desenvolvimento regional através de pesquisa sobre a produção literária local e sobre as formas de representação infantil na literatura. Traçamos como objetivos apresentar e discutir as narrativas de escritoras catarinenses do oeste do Estado de SC, destacando os recursos estéticos dos livros destinados ao público infantil e juvenil. Para tanto, é necessário desenvolver pequeno aparato da história da literatura infantil, para chegar ao nosso objeto de estudo, que utilizamos como amostras três obras das escritoras, destacando os elementos e recursos estéticos presentes nas narrativas dos textos literários e contribuir para divulgação das obras de escritoras regionais, valorizando a identidade cultural e artística catarinense.

2 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

A palavra literatura deriva do latim, que significa arte de escrever, a ciência das belas letras. Como bem destaca Marisa Lajolo “a forma latina *litteratura* nasce

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Curso de Mestrado em Letras Área de concentração: Literatura Comparada na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Frederico Westphalen - URI. E-mail: carlete_sc@hotmail.com.

² ORIENTADORA: Prof^a Dr. Silvia Helena Pinto Niederauer / Prof^a Dr. do Programa de Pós-Graduação Curso de Mestrado em Letras Área de concentração: Literatura Comparada na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Frederico Westphalen – URI. Email: silvia.niederauer@yahoo.com

de outra palavra igualmente latina: *littera*, que significa letra, isto é, sinal gráfico que representa, por escrito, os sons da linguagem” (LAJOLO, 1986, p. 29). Segundo, Cecília Meireles literatura infantil é o que se “refere às obras especialmente escritas para a infância”, no intuito não somente de “entreter a criança, ou de transmitir noções morais”, mas visavam “transmitir, de maneira suave, os conhecimentos necessários às várias idades” (MEIRELES, 1979, p. 78). Desta forma, a literatura, segundo Eliana Yunes e Glória Pondé:

[...] assume um papel político muito mais amplo, pois deixa de ser apenas sinal de erudição, para contribuir para a formação do pensamento crítico e atuar como instrumento de reflexão, uma vez que pode questionar, através de sua linguagem, a hegemonia do discurso oficial e o consenso estabelecido pela ideologia dominante (YUNES; PONDÉ, 1988, p. 37).

Segundo Nelly Novaes Coelho, dentre as mais diversas manifestações de arte, a literatura é “a que atua de maneira mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização” (COELHO, 2000, p. 13). Também, segundo Judith A. Langer, a literatura é “um meio essencial para aprendermos e nos comunicarmos conosco e com os outros, uma forma de refletir sobre nossas vidas, nossas opções e a condição humana” (LANGER, 2005, p. 149). Para Cecília Meireles, a literatura infantil, em lugar de ser o que se escreve para as crianças, seria a que as crianças leem com agrado, ou seja, “o que elas leem com utilidade e prazer” (MEIRELES, 1979, p.19). Completando esses pensamentos, Lourenço Filho define a literatura infantil como uma literatura específica para as crianças “justamente porque a consomem; portanto se lhes torna possível levar a emoção estética, através das letras, nas condições naturais de seu gradativo desenvolvimento mental, emocional e cultural” (LOURENÇO FILHO, apud GÓES, 1984, p. 8).

É pertinente afirmar que, através da leitura, a criança entra em contato com o mundo lado a lado com seus sentimentos e emoções. Para Lúcia P. Góes, o desenvolvimento da prática da leitura entre as crianças “resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, no campo racional, no da cultura e da linguagem” (GÓES, 1984, p. 28). Transformando-se, segundo Regina Zilberman, “num meio de acesso ao real, na medida em que lhe facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio linguístico” (ZILBERMAN, 1984, p.14).

É através da linguagem que a criança se comunica e se insere no meio social, podendo assim expressar seus sentimentos e manifestar os seus desejos. Segundo Lúcia Pimentel Góes, literatura é “mensagem de arte, beleza e emoção” (GÓES, 1984, p. 3). A literatura infantil é um aparato instrumental facilitador para despertar o prazer da leitura, de caráter prazeroso e lúdico no universo infantil. Fanny Abramovich considera o ato de ler uma atividade prazerosa, pois segundo ela,

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1994, p.14).

A leitura é, fundamentalmente, uma prática social, segundo Ezequiel T. da Silva (1993), pois todos os homens podem se transformar em leitores da palavra e dos outros códigos que expressam a cultura. A literatura infantil serve como instrumento na formação da personalidade da criança. É através da literatura que a criança tem acesso a novos modos de significação, novas vivências, fazendo com que ela entenda melhor seus sentimentos, emoções e percepções. Segundo Nelly Novaes Coelho, literatura é uma forma de arte que, através do imaginário, expressa a realidade:

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... (COELHO, 2000, p. 27).

A literatura infantil expressa uma forma de dizer, porém carregada de significados, dependendo de certo tempo histórico e particular, tanto de sua escritura bem como de sua leitura. A literatura possibilita-nos compreender o homem, a sua história e a sua organização social.

Os primeiros registros e marcas do nascimento da literatura infantil foram na segunda metade do século XVII, na França. Conforme Nelly Novaes Coelho (2010), os livros pioneiros da literatura infantil são: *As Fábulas*, de La Fontaine (publicados entre os anos de 1668 e 1691), *Os Contos da Mãe Gansa*, de Charles Perrault (publicados entre os anos de 1691 e 1697), *Os Contos de Fadas*, de Mme. D' Aulnoy (publicados entre os anos de 1696 a 1699), *Telêmanco*, de Fénelon (publicados entre os anos de 1699 a 1717), *Contos de fadas para crianças e adultos*, dos Irmãos Jacob e William Grimm (publicados entre os anos de 1812 a 1822) e *Os Contos de Andersen*, de Hans Cristian Andersen (publicados entre os anos de 1835 a 1872).

O termo infância foi histórica e socialmente construído, sendo que a literatura destinada para ela também teve que se adaptar com essas mudanças da humanidade, com uma linguagem própria e um estilo próprio.

Precisamos pensar que a literatura tem o poder de transformação. Segundo Nelly Novaes Coelho (2000), a obra literária é composta por um corpo verbal, que é a invenção transformada em palavras. As operações que compõem uma obra são os recursos estruturais ou estilísticos, considerados por ela os processos de composição. É a “arte do autor em inventar ou manipular esses processos e recursos que resulta a matéria literária” (COELHO, 2000, p. 66). A autora destaca dez importantes fatores estruturantes na composição da matéria narrativa, na qual queremos enquadrar as obras *Adolfo: o cãozinho das praias*, de Anair Weirich, *A formiguinha contadora de histórias*, de Ladir Wigikoski e *As coisas que Baltazar inventa*, de Therê Osmari Bagatini, são elas: o narrador, o foco narrativo, a história, a efabulação, o gênero narrativo, personagens, espaço, tempo, linguagem ou discurso narrativo e leitor ou ouvinte.

Para Nelly Novaes Coelho (2000), todo ato do criador tem uma determinada consciência de mundo, seja ele feito de forma consciente ou inconsciente, tornando-se dessa forma, um ato muito importante para melhor entendimento a cada obra literária lida e compreender as relações que estabelecem entre os fatores estruturantes. Para a autora é dessas relações que resulta sua literalidade, que por sua vez, resultam da referida consciência de mundo do autor. Consciência que não é outra coisa senão o “seu conhecimento de mundo, as *relações* que se estabelecem entre ele e o espaço/tempo em que vive (seus padrões ideais de comportamento, seus desejos, frustrações, paixões, esperanças, cultura, decepções, medos, revoltas, entusiasmos, etc.)”. Ela destaca também que, quanto mais profundas forem tais relações, entre o “eu do escritor e as suas circunstâncias” e quanto mais a sua obra for coerente com tais relações, “tanto mais perfeita será a criação literária que dela resulta” (COELHO, 2000, p. 50).

As leituras podem servir como um importante suporte de aprimoramento da linguagem e enriquecimento de suas vivências no mundo. Para isso, no entanto, é necessário à formação de um leitor crítico e ativo. A literatura infantil, inicialmente além de caráter “adultocêntrico” emitia normas de obediência absoluta à autoridade, vista como um adulto em miniatura. Não havia uma fase só dela, bem como livros destinados a ela também não existiam. Neste novo contexto emancipatório,

contrapondo-se ao individualismo do século XX, as crianças são vistas como seres em formação, capazes de ter as suas próprias opiniões e sujeitos de transformação.

Contudo, sabemos que dessa forma o livro infantil é um importante instrumento de transformação. Há uma preocupação entre o real e o maravilhoso, coerentes ao universo infantil. Levando em consideração todos os fatores estruturantes enquanto gênero, que é a nossa proposta, as narrativas em evidência instigam a criança, levam conhecimento, através do imaginário induzem a consciência de valores junto ao convívio com o mundo.

As obras em destaque são textos que, para a criança, podem servir de apresentação ao mundo simbólico, uma vez que o mundo ali expresso é o da fantasia, em especial nas narrativas: *Adolfo: o cãozinho das praias*, de Anair Weirich, *A formiguinha contadora de histórias*, de Ladir Wigikoski e *As coisas que Baltazar inventa*, de Therê Osmani Bagatini. Por apresentarem personagens que assumem a perspectiva humana, o que pode ser um fator facilitador para a compreensão do texto, dão voz a um protagonista que quer passar uma instrução de modo de vida, o que muito se assemelha às tradicionais fábulas moralizantes, segundo Nelly Novaes Coelho (2010), variantes dos contos populares, com raízes remotas em fontes orientais, mais precisamente indo-europeias, colocadas mais em ênfase com as fábulas de La Fontaine, como as conhecemos hoje. Se, por um lado, essa característica foge aos padrões essenciais de um bom texto literário infantil, por outro são necessários para a inclusão das crianças no mundo da fantasia e da imaginação.

Desse modo, torna-se perceptível, que o letramento literário deveria ser algo constante nas nossas escolas, pois ajuda no desenvolvimento crítico do leitor. Conforme a pesquisadora Teresa Colomer (2007), a prática da leitura é uma tarefa social, pois a criança lê um livro em casa com sua família, na aula ou na biblioteca. Após a leitura, ela comenta com os adultos e com outras crianças leitoras o que ela leu, num absoluto mergulho em múltiplos sistemas ficcionais e artísticos, formando competências e conhecimentos. Podemos afirmar que essa aprendizagem oportunizada pela literatura, possibilita “um grande desenvolvimento social de construção compartilhada do significado” (COLOMER, 2007, p. 139). Pois, compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, “estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia” (COLOMER, 2007, p. 147). Sendo assim, a escola é uma

importante ponte neste contexto, pois oportuniza a criança compartilhar os conhecimentos que adquiriu com a leitura.

Entendemos que a formação de leitores nas escolas se conquista também oportunizando o conhecimento das obras de escritoras regionais, valorizando a identidade cultural e artística catarinense, para que sintam mais perto da realidade na qual estão inseridos. Contribuir na divulgação das autoras e as suas obras, com vistas ao incentivo dessas literaturas junto aos profissionais da educação. Torna-se perceptível, dessa forma, que o professor tem um papel fundamental em indicar essas obras para os alunos em sala de aula. Visto que, essas obras não são divulgadas por editoras de prestígio, a ideia é divulgar as obras possibilitando à editora ter a credibilidade de parceiros de renome. Também, junto às crianças, pois além do benefício da aquisição das competências de leitura, oralidade e produção textual, os pequenos leitores ampliarão com essa obra (produção artística) sua visão de mundo.

O tema do trabalho foi relevante na seleção e escolha para bolsa de estudos, oferecido pelo Estado de Santa Catarina, a FUMDES – Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior, na qual fui contemplada. Mas registrar, que é um trabalho ainda em desenvolvimento, sugere-se que outros estudos sejam iniciados abordando obras contemporâneas regionais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1994.

BAGATINI, Therê Osmari. **As coisas que Baltazar Inventa**. São Miguel do Oeste: Mais que palavras, 2012.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARDOSO, João Batista. **Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto: para um tempo de “PÁS” (Programa de Avaliação Seriada)**. Brasília: Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil:** das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2010.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GÓES, Lúcia Pimentel. **A introdução à literatura infantil e juvenil.** São Paulo: Pioneira, 1984.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil:** autoritarismo e emancipação. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1984.

LANGER, Judith A. **Pensamento e experiência literários:** compreendendo o ensino da literatura. Tradução: Luciana Lhullier Rosa e Maria Lúcia Bandeira Vargas. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** 3ª ed. São Paulo: Summus; Brasília: INL, 1979.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, E. T. Leitura e realidade brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, s/p. – In: YUNES, Eliana. PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil:** por onde começar? São Paulo: FDT, 1988.

WEIRICH, Anair. **Adolfo:** o cãozinho das praias. Blumenau: Hemisfério Sul, 2012. L

WIGIKOSKI, Ladir F. (Branca). **A formiguinha contadora de histórias.** Coronel Freitas – SC: Gráfica Palstijô, 2012.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil:** por onde começar. São Paulo: FTD, 1988.